

SILVANA PINHEIRO, ESCRITORA:
“NOVAS GERAÇÕES LIDAM
COM UMA VIDA IRREAL” —
ESTÚDIO TRIBUNA ONLINE #93¹

SILVANA PINHEIRO, WRITER:
“NEW GENERATIONS ARE DEALING
WITH AN UNREAL LIFE” —
TRIBUNA ONLINE STUDIO #93

Luciano Rangel*

Luciano Rangel (LR): Estúdio Tribuna online hoje com Silvana Pinheiro, capixaba de Vitória, escritora e orientadora familiar sistêmica com doutorado em Letras pela Ufes. É autora de diversos livros de literatura para crianças e também livros de poesia. E está completando 30 anos desse ofício de escrever. Um prazer ter você aqui, Silvana.

¹ TRIBUNA online. *Silvana Pinheiro, escritora: "Novas gerações lidam com uma vida irreal" — Estúdio Tribuna Online #93*. Entrevista a Luciano Rangel. Vitória, 21 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nRBaWKWSo2A>>. Acesso em: 28 mar. 2026.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Silvana Pinheiro (SP): Obrigada. Muito bom, agradeço o convite, e a oportunidade também.

LR: Silvana, nunca precisamos tanto de livros como agora?

SP: É, sem dúvida alguma, nós estamos vivendo num tempo da era da informação, e se, por um lado, a gente ganhou muito com toda a questão digital, com todas as oportunidades que isso traz para a vida da gente, para a sociedade de um modo geral, isso tem roubado das novas gerações o contato com as histórias, com as narrativas que o livro possibilita, porque quando você lê, você tem contato com algo que aconteceu com alguém num determinado lugar que talvez a pessoa nunca vai acessar a não ser por meio do livro. Isso possibilita desenvolvimento da imaginação, aquisição de informações; desenvolve uma série de habilidades neurológicas, que estão se perdendo das novas gerações que não vivenciam isso. Nós temos muita gente que lê, sim, temos projetos bonitos de leitura na sociedade que disseminam isso, mas acho que mais do que nunca a gente precisa valorizar isso no contexto da família, no contexto da escola, da sociedade de um modo geral, valorizando as bibliotecas, o trabalho das escolas, principalmente para aquelas classes menos favorecidas, que não têm isso em casa. Talvez o único acesso que algumas crianças vão ter ao livro vai ser na escola, na biblioteca escolar ou na biblioteca comunitária ou na biblioteca pública de um município. Então, esses espaços precisam ser muito valorizados.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

LR: Você está nessa caminhada, que é uma vitória: são 30 anos desse ofício de

escrever. Queria que você falasse um pouco como você enveredou por esse caminho e se você percebe — você falou dessa nova era que a gente vive, do digital, e você atua também como orientadora familiar — uma transição, no comportamento das pessoas, na percepção, na cognição das pessoas, de uma era da literatura, da leitura de papel para uma era digital?

SP: Começar pela questão dos 30 anos. Quando em 1994 eu publiquei esse primeiro livro...

LR: A *História de estrela*...

SP: *História de estrela*, publicado pela editora RHJ, de Minas Gerais, com as ilustrações da Márcia Franco, foi a minha porta de entrada. Eu já escrevia, mas não tinha oportunidade de publicar.



Capa de *História de estrela*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Eu participei de um concurso da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, a antiga Fundação Ceciliano Abel de Almeida, e o texto foi premiado com menção honrosa. Isso abriu porta para essa editora publicar. Nós nem tínhamos editoras infantis aqui na época, 30 anos atrás... Hoje nós temos várias. Que bom, não é? Muita gente publicando, muita gente escrevendo, ilustrando e fazendo coisas lindas, mas na época não tinha. E foi a porta de entrada; isso me abriu possibilidade de continuar escrevendo e de continuar publicando. A minha ligação com a literatura

infantojuvenil veio do trabalho como educadora. Na época eu trabalhava na Secretaria de Educação; eu participava das leituras dos livros para selecionar livros para a escola, e aí eu fui me encantando. Eu sempre amei ler, sempre por força até da influência da minha mãe, que gostava de escrever. Então, eu sempre amei ler. E isso foi engrenando uma coisa na outra, e há 30 anos eu comecei.

LR: A gente percebe nos seus livros também a força da ilustração, que é um casamento muito bacana entre o seu texto e o ilustrador. Como é que funciona esse casamento?

SP: A ilustração, o livro infantil, ele é um objeto que é composto por dois tipos de texto: o texto verbal e o texto não verbal, o texto imagético. São duas linguagens diferentes que têm que dialogar entre si. Uma editora que se propõe a trabalhar com o livro para crianças precisa enveredar pelo bom trabalho nas duas linguagens. Isso não é simplesmente o ilustrador ilustrar "exatinho" o que o texto diz. A boa ilustração infantil, o ilustrador, ele vai além, ele coloca um detalhezinho que não entrou no texto, ele vai criando também novas possibilidades em cima do texto. E hoje o Brasil é bastante premiado lá fora com bons ilustradores, com bons escritores de literatura infantojuvenil. Nossa literatura é de uma riqueza muito grande.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e página em que se reporta o livro *Houve um beija-flor*, de Silvana Pinheiro.

Nós temos um país enorme que tem uma possibilidade cultural. Nós temos coisas boas no Norte, no Sul, no Sudeste. Aqui no estado a gente hoje está já adquirindo uma maturidade grande, porque temos hoje muito bons escritores. É um trabalho de arte mesmo; são duas linguagens de arte...

LR: Que se complementam.

SP: Que se complementam, que dialogam entre si.

LR: E você tem um novo livro chamado *Notícias para Marina*, que a gente está falando aqui. É um lançamento. Você, qual é a matéria-prima e qual é a fonte de inspiração para essa sua nova obra?



Capa de *Notícias para Marina*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

SP: Nesse caso aí, de *Notícias*... Em cada livro a fonte de inspiração vem de uma palavra, de uma música, de um fato que eu... Nesse caso, foi uma matéria de jornal: é sobre a história de um menino marroquino que há dois anos atrás, todo mundo acompanhou nas mídias, ele tentava atravessar o mediterrâneo para chegar à costa da Espanha. E aquela notícia me impactou muito, mexeu muito comigo, ficou muito... E o texto nasce daí. Mas eu vou enveredando para outras coisas, e o texto acaba falando mais especificamente, abordando como tema

principal, a questão da reciclagem de materiais. É bem baseado nisso, porque é a história de uma menina que é filha de uma catadora de materiais reciclados.

LR: A gente falava aqui, Silvana, antes, sobre essa mudança. Como é que você avalia esses novos tempos do digital e esse confronto que tem, que existe, entre o analógico, entre a escrita, entre o papel e essas novas gerações tão dominadas pelo “hábito digital”, vamos dizer assim?

SP: É, isso tem pesquisas que já começam a mostrar que a gente caminha para mudanças neurológicas...

LR: Cognitivas.

SP: Cognitivas mesmo. A memória, por exemplo, é um fato bastante focado nesse sentido, porque a gente exercita pouco a memória agora, a gente tem tudo à mão nessa caixinha que é o celular. Então, eu há 30 anos atrás — e até hoje — sei de cor o telefone fixo dos meus pais.

LR: No tempo que havia o telefone fixo.

SP: No tempo que havia o telefone fixo. Hoje eu não sei de cor o telefone do meu filho do celular, porque eu não preciso, na medida em que a nossa vida vai não demandando o exercício da memória... Essa semana eu estava conversando com um senhor de 81 anos; eu fiquei impressionada com a memória dele. Eu falei: Gente, as novas gerações não vão ter isso mais! Porque ele traz tudo na cabeça. O impacto, além desse, são outros: a questão do movimento do corpo também: como as crianças ficam muito paralisadas diante das telas boa parte dos seus dias e hoje elas não têm às vezes tanto espaço para brincar, a não ser na escola, então, isso vai afetando também as condições corporais, as nossas habilidades corporais e a retenção de energia corporal, porque uma criança precisa gastar energia, não é? Se ela não tem muito espaço disso e se boa parte

do tempo dela ela fica diante das telas, isso tem uma forte influência no desenvolvimento dela. Uma outra questão que me preocupa: eu me lembro de um rapaz, que eu atendi na minha escola, onde eu trabalhei, que ele tinha uma série de questões familiares, e um dia eu perguntei para ele: Você não tem amigos? E ele falou para mim: “Não, eu tenho na internet”. A questão relacional também é muito séria. A gente está vendo uma geração que, diante das telas, sabe se relacionar, fala tudo o que quer, às vezes, até o que não precisa, porque como não aparece pessoalmente, ela tem coragem de falar coisas que às vezes não falaria [sem estar] frente à tela, mas na relação pessoal tem pouquíssimas habilidades. Então, a vida digital vai trazendo uma série de modificações que a gente precisa atentar para isso.

LR: Sem falar na própria ansiedade. É um tema que o jornal da *Tribuna*, que a gente sempre aborda muito aqui nas reportagens que a gente ouve dos especialistas. Inclusive, eu conversava, ontem, esses dias, com o especialista em inteligência artificial; a gente brincava que nunca os psicólogos tiveram tanto trabalho como hoje. Você percebe essa ansiedade nessas gerações novas?

SP: Sim, percebo. Um dos fatores, eu vejo, é associado ao contato com as telas e as redes sociais, porque as redes sociais às vezes mostram uma parte da vida das pessoas, que é a vida que funciona. É a vida que dá certo; ninguém vai para a rede social falar: “Ah, eu estou deprimida...”, “Eu estou com uma doença séria...”. Raríssimas as situações em que isso acontece; então, as novas gerações vão lidando com uma vida que é irreal, porque a vida não é só sucesso; a vida não é só coisa boa; a vida não é a “família de margarina”, de propaganda de margarina. A vida é diferente; a vida, a realidade da vida, é complexa e cheia de desafios. E, às vezes, isso traz um senso de comparação: “Eu não vivo isso, mas eu vejo uma porção de gente que vive. O que que tem de errado comigo?”. Isso traz, isso se traduz num percentual de ansiedade e depressão também.

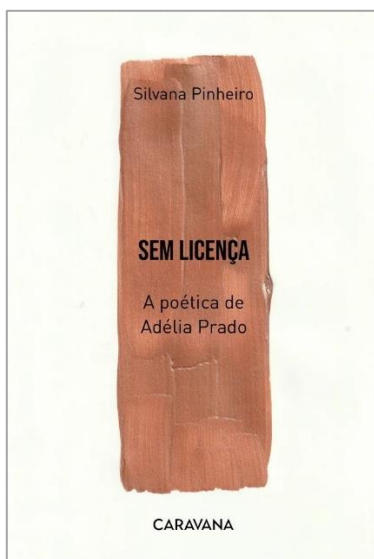
LR: Uma das suas áreas de atuação, Silvana: você é orientadora familiar. Como está a saúde das famílias, a saúde mental das famílias, a saúde comportamental das famílias?

SP: Nós vivemos um tempo muito desafiador. É um conjunto de coisas que influencia essa condição de saúde mental. Uma delas é essa questão digital das redes sociais; o grande tempo que os membros da família passam diante da tela e não passam entre si; você, cada um tem — as famílias que têm condição —, cada uma delas tem o seu televisor no seu quarto, já não assiste nem televisão junto, não almoçam juntos, não jantam juntos. Isso é uma realidade que afeta o relacionamento, o tempo de qualidade de um relacionamento. Além disso, as próprias condições de trabalho, de pouco tempo, de muito trabalho dos pais fora de casa; as crianças ficarem mais sem contato com outras crianças também por uma questão de segurança; as pessoas não podem muitas vezes sair das suas casas para brincar porque não têm segurança para isso. Um conjunto de coisas vai se somando, não é? Toda essa condição também de informação a que a gente tem acesso hoje: uma coisa que acontece lá na Ucrânia com a Rússia você já sabe imediatamente que está acontecendo... Isso vai gerando um senso de fragilidade diante de tanta coisa que acontece no mundo e que a gente sabe como avalanche de coisas que vão chegando. Isso tudo vai afetando as relações, vai afetando a qualidade do sono das pessoas, vai afetando a condição de bom estado de saúde mental. A gente percebe um grande aumento do nível de ansiedade, de depressão, de procuras por tratamentos, por terapias em larga escala mesmo.

LR: Se as crianças, se o mundo futuro pertence às crianças, quando você escreve e está se comunicando com elas, qual é a grande mensagem que você acha que, de alguma forma, você gostaria que as crianças desenvolvessem para esse futuro que será delas?

SP: Uma tônica que, eu acho que está sempre presente nos meus textos, tem a ver com a questão relacional, com a questão do olhar para o outro, de perceber o outro, de sair de uma ótica de competição — tão presente na nossa sociedade — para uma ótica de mais cooperação. Acho que são valores que estão muito presentes na minha busca pessoal como pessoa, como profissional, como mulher, e eu acho que isso acaba saindo com muita força nos meus textos: a valorização da vida, a valorização do outro. Eu acho que a gente está precisando um pouco mais disso.

LR: Você enveredou pela poesia, você faz esse trabalho... Além disso, é importante citar que a sua tese de doutorado foi a respeito da poesia de Adélia Prado. Você publicou inclusive *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, pela editora Caravana...

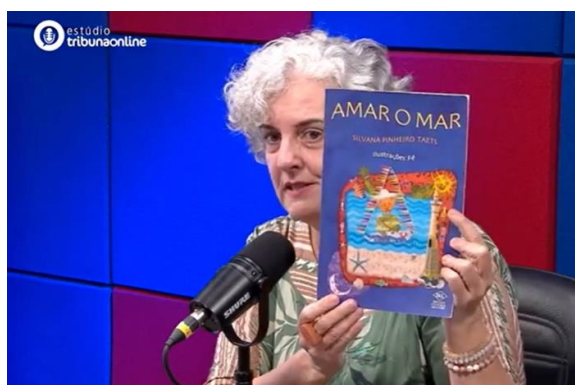
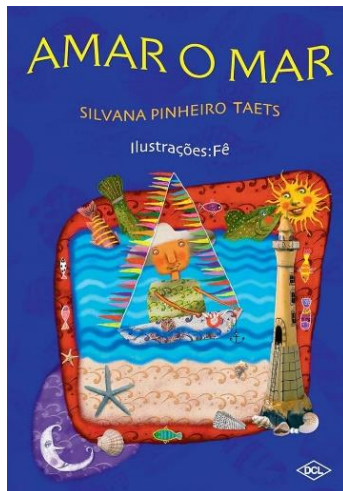


Capa do ensaio *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, de Silvana Pinheiro, e Adélia Prado (Foto sem crédito).

SP: Isso.

LR: Como é que é esse transitar, agora, pela poesia, saindo do livro infantil, e a poesia?

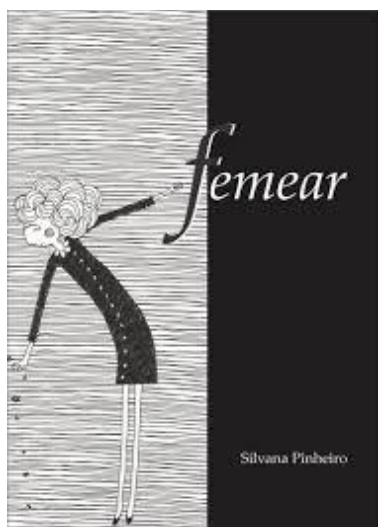
SP: Então, eu comecei mesmo com o livro infantil. Em 2005, eu publiquei esse livro aqui, que foi o meu primeiro livro de poemas, mas foi para criança, que se chama *Amar o mar*.



Capa de *Amar o mar*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel. Abaixo, lançamento do livro (Acervo da autora).



E aí eu continuei produzindo poesia, que é algo de que eu gosto muito, e mesmo nos meus textos narrativos a poesia está muito presente também. Em 2014, quando eu completei 20 anos do meu trabalho literário, eu publiquei, eu me dei de presente esse livro aqui, *femear*...



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

LR: Sim, nós falamos desse livro aqui no jornal da Tribuna na época.



EM "FEMEAR", SILVANA PINHEIRO aborda diferentes assuntos, de relacionamentos a conflitos

Livro de poesias com olhar feminino

A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Femear" e comemora 20 anos do seu primeiro livro, na Biblioteca Pública Estadual

Rafael Moura

A análise humana respaldada por um viés feminino é tema do 10º livro que a escritora capixaba Silvana Pinheiro, de 49 anos, lança hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória. Trata-se da obra "Femear". Embora a palavra já exista como verbo (no sentido de "andar com as fêmeas"), a autora, que é Mestre em Estudos Literários, estabeleceu que o título seria um neologismo a partir da ideia da mistura de semente com feminilidade. "A palavra semente, na sua ori-

gem, tem sua ligação com o masculino. Eu quis trazer esse novo significado para o olhar feminino. Falo sobre diferentes temas, de relacionamentos a conflitos. Antes de ser feminino, o livro aborda o humano", ponderou.

O novo trabalho da escritora traz 35 poesias curtas dispostas em 108 páginas. Silvana, que já havia trilhado um caminho na literatura infantojuvenil — seus outros trabalhos foram basicamente destinados a esse público —, celebra o livro inédito como um marco.

"Nos últimos anos, venho fazendo mais livros para jovens adultos. Cusnei a publicar: O 'Femear' é a síntese dos últimos anos de produção. Eu já vinha produzindo, mas a publicação demarca. É algo que quero enveredar", frisou.

A escolha por textos em formato de poesia foi algo natural à escritora. Sua formação literária teve o empurrãozinho do pai, que era músico, e da mãe, que também es-

crevia poesias. "A preferência está na vivência, de ter um olhar, uma sensibilidade com a palavra".

Além de lançar "Femear", Silvana comemora, hoje à noite, os 20 anos de sua primeira obra, "História de Estrela". "Num País que é tão difícil publicar, me considero muito vitoriosa", finalizou.

SERVIÇO

"Femear"
» O QUE: Lançamento do livro "Femear", da escritora Silvana Pinheiro, e comemoração de 20 anos da obra "História de Estrela". Cada exemplar da obra será vendido pelo valor de R\$ 25,00.

» QUANDO: Hoje, às 19 horas
» ONDE: Biblioteca Pública Estadual, Rua João Batista Parras, 165, Praia do Suã, Vitória

» ENTRADA: Gratuita

» INFORMAÇÕES: 3137-9349

Página do jornal *A Tribuna* com reportagem sobre *femear*, de Silvana Pinheiro.

SP: Exato. Vocês me fizeram uma boa divulgação dele. Esse foi efetivamente meu primeiro livro de poemas para adultos. E, agora, esse ano — Dá licença, deixa eu pegar aqui —, esse ano eu tenho publicado também pela Editora Cândida, que é também aqui do estado, esse livro que se chama *Próximo passo*, que é uma seleção de poemas que eu fiz dos quatro últimos anos da minha produção; nem todos entraram, e eu selecionei aqueles que eu acho que cabiam dentro da proposta de edição desse livro.



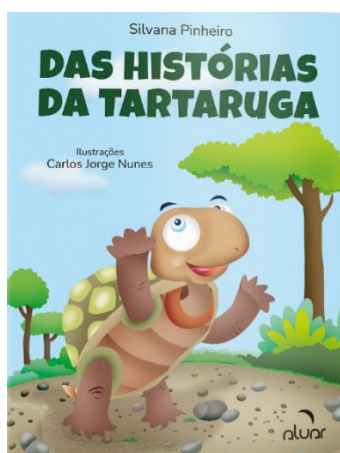


Lançamento de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora), capa do livro e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Este ano que eu tô completando 30 anos, eu estou tendo a graça de publicar esse livro de poemas, o livro *Notícias para Marina*, que você já mostrou, e também estou publicando esse livro aqui, *Das histórias da tartaruga*, que já é um texto antigo, mais antigo, escrito já há mais tempo, mas de que eu gosto muito... eu coleciono histórias de tartaruga, sabe?

LR: É mesmo?

SP: Acho que eu tenho uma identificação... Eu fui colecionando histórias e aí eu publiquei esse livro *Das histórias da tartaruga* também.





Capa de *Das histórias da tartaruga*, de Silvana Pinheiro, print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel, e registro do lançamento do livro (Acervo da autora).

Esse ano eu estou com esses três novos projetos.

LR: A poesia: vem uma inspiração, qualquer momento, ou você é uma escultora de poemas?

SP: É, não, eu não tenho essa facilidade, essa disciplina: Eu vou sentar e vou escrever todo dia; eu tenho um horário para escrever. Quando “eu crescer” eu acho que eu vou chegar a isso, mas atualmente ainda não. Vem [a poesia] mesmo do meu dia a dia, do meu cotidiano, das coisas que me acontecem, de uma situação que eu vejo, de uma matéria que eu leio, de uma música, às vezes, de uma palavra que me chama a atenção. Eu preciso desse *start* inspiracional para poder escrever, entendeu? Se não...

LR: Não funciona.

SP: Não funciona.

LR: Silvana, eu queria encerrar nossa conversa; queria que você escolhesse um poema, alguma coisa que você achasse significativo de deixar registrado, e que lesse pra gente alguma coisa.

SP: Ah, joia. Sim, vou escolher então aqui um do *Próximo passo*.

LR: Te peguei de surpresa, não é?

SP: É, pois é!

LR: Ah, mas agora vai ter que escolher um aí.

SP: Eu vou ler então um poema, que também dialoga com a questão ambiental, que é uma questão que me chama muita atenção e está muito presente nos meus textos. É uma preocupação minha; eu acho que deve ser uma preocupação de todo mundo. Nós estamos vivendo num tempo que a gente precisa abrir o olhar para isso; a gente está vivendo com desafios muito grandes nessa área. Eu escrevi um poema dedicado até a Sebastião Salgado, que é um grande...

LR: Grande Sebastião Salgado.

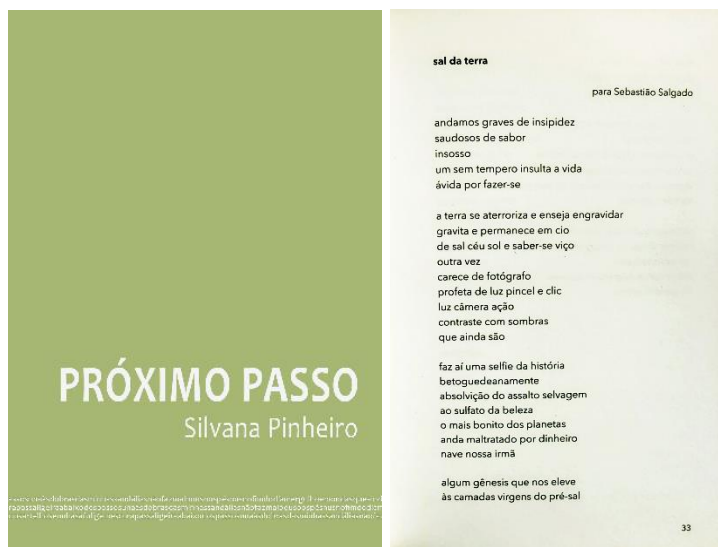
SP: Fotógrafo, e que tem um trabalho ambiental importante aqui também no Espírito Santo. Esse texto se chama "Sal da terra":



Print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93,
com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.



Imagens de Sebastião Salgado
utilizadas pelo Programa, para acompanhar a leitura de Silvana Pinheiro
de seu poema dedicado ao fotógrafo, "Sal da terra".



Capa de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro,
e página inicial do poema "sal da terra".

sal da terra

para Sebastião Salgado

andamos graves de insipidez
saudosos de sabor
insosso
um sem tempero insulta vida
ávida por fazer-se

a terra se aterroriza e enseja engravidar
gravita e permanece em cio
de sal céu sol e saber-se viço
outra vez
carece de fotógrafo
profeta de luz pincel e clic
luz câmera ação
contraste com sombras
que ainda são

faz aí uma selfie da história
betoguedeanamente
absolvição do assalto selvagem
ao sulfato da beleza
o mais bonito dos planetas
anda maltratado por dinheiro
nave nossa irmã

algum gênese que nos eleve
às camadas virgens do pré-sal
sem desejo de ouro
dourado cinza ou outro
que subjogue gente

novo êxodus por entre paredes
de um mar azul
sobrepasto a fuzil e carros loucos
nossa história de sangue sem fim
alguma imagem salvadora da escravidão
de nós mesmos

desate o quilombo guanduense no peito
refúgio símile de novas planta-ações
um salto salgado
sobre nossa suspeita insistente
de pessimismos²

LR: Muito lindo! Inclusive, você falou de Beto Guedes; ouvi ele essa semana. Linda essa parte do “sal da terra”, dessa música dele, o nome do disco dele... Eu estava ouvindo recentemente... Muito lindo esse poema! Já vai ficar convidado você vir uma vez por semana ler um poema para a gente aqui, nos trazer paz e nos trazer um caminho...

SP: Precisamos, não é?

² PINHEIRO, Silvana. Sal da terra. In: _____. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2023. p. 33-34.

LR: Olha, muito obrigado pela sua presença, Silvana. É nossa intenção ouvir escritores capixabas. Você nos honrou com essa sua presença.

SP: Obrigada.

LR: Agradeço muito você aqui hoje.

SP: Obrigada, Luciano. Obrigada, Tribuna, pelo apoio que vocês sempre deram ao meu trabalho.

LR: Muito bom. Esse foi o Estúdio Tribuna Online com Silvana Pinheiro. Obrigado pela audiência.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.